

「 revisão da literatura 」

Para uma jovem escritora

Wallace Stegner

Você me escreve com perguntas sobre questões puramente práticas, e para a maioria delas a resposta é moleza.¹ Não, você ainda não precisa de um agente literário; mais pra frente, provavelmente, precisará. Sim, você deveria tentar publicar capítulos de seu livro em alguma revista; isso não fará mal algum e ainda pode lhe dar algum público, ou algum dinheiro e — por que não dizer? — as duas coisas. Não, não existe razão para você não se inscrever em uma dessas bolsas: Guggenheim, Saxton, ou — já que ainda não se comprometeu com ninguém — uma daquelas oferecidas por editoras. Você está apta, porém, a enviar seu livro a qualquer prêmio ou concurso, ou para candidatar-se a residências de escritores e artistas como a Yaddo, a MacDowell Colony, ou a Huntington Hartford Foundation. Mesmo uma curta estada em uma dessas residências lhe dará espaço e tempo para escrever e fará com que, pelo menos por algumas semanas ou meses, desapareça a insegurança que quase fez com que você desistisse de escrever. Sim, é claro que escreverei cartas recomendando seu nome para qualquer um desses lugares; é claro que recomendarei você a editores

1 Este texto foi publicado originalmente na revista *The Atlantic*, em 1959.

e, se acontecer de algum dia estarmos em Nova York ao mesmo tempo, ficarei feliz em apresentá-la a algumas editoras.

Digo isso com a esperança de que quase tudo o que você gostaria de ouvir não tenha sido dito. Suspeito que um dos grandes motivos de você ter enviado essa carta venha de sua necessidade de afirmação: de repente, sua confiança esmoreceu; você parou por um momento de escrever seu livro, olhou ao redor e foi atingida por um pânico repentino. Você gostaria de ouvir que é boa e que todas as dificuldades, esforços e frustrações darão lugar, aos poucos ou imediatamente, de preferência imediatamente, à segurança, fama, confiança, à convicção de que ter feito um bom trabalho levará a um bom resultado, e de que você se tornará, de alguma maneira, importante para o mundo. Se estiver errado em revelar esse pretexto não verbalizado, perdoe-me; esse é o tipo de coisa que senti na sua idade, que ainda sinto, e que não vou deixar de sentir nunca.

Não há problema algum em dizer que você é realmente boa, muito boa para continuar inédita. Justamente porque editores são quase sempre literatos e inteligentes, muitos deles verão a qualidade de seu romance, e um deles certamente o publicará. Mas isso é tudo o que posso dizer, honestamente, porque suspeito que ele publicará seu livro com pouca expectativa de ganhar algum dinheiro, tanto para ele quanto para você.

Naturalmente, não estou dizendo algo tolo como “valor literário” ser incompatível com “popularidade”. As duas coisas mostraram-se compatíveis com muita frequência, geralmente quando o autor em questão demonstra possuir um toque de humor, sensibilidade, violência, sensacionalismo, sensualidade, a capacidade de chocar, e, ainda por cima, eleva tudo isso ao nível de arte. Shakespeare, Rabelais e Mark Twain não esgotaram as possibilidades de transformar uma grande variedade de preocupações comuns em beleza e significância. Mas é seu azar (e também sua virtude) ter esse toque incomum. Suas virtudes não são as virtudes da maioria da população, nem mesmo da população de leitores. Restrição, repouso, compaixão, humor que não é ofensivo e afeto que não é sentimentalóide: isso é caviar na opinião geral, quer gostemos ou não.

Você escreve melhor do que centenas de pessoas com reputação literária estabelecida. Você entende seus personagens e as implicações de cada um. Sem trapacear, gritar ou fazer melodramas, você consegue

trazer o leitor a um nível de envolvimento com seu texto que é a prova mais verdadeira da eficácia da ficção. Você pensa dez vezes quando muitos escritores pulsam apenas uma.

Existe pouca demanda para as coisas geniais e perfeitas que você consegue fazer. E você se maltratou por dez anos até descobrir que seus talentos correm grande risco de permanecerem desprestigiados.

Uma coisa é se desgastar por cinco ou dez anos no *show business* ou passar oito ou dez anos estudando medicina ou advocacia. As pessoas conseguem fazer isso brincando, porque existem prêmios em dinheiro para os mais talentosos nessas profissões; é só uma questão de tempo e perseverança. E suspeito que você, em algum momento de sua vida, também tenha colocado à sua frente a esperança de um prêmio: afinal, toda temporada de publicações produz a feliz sensação de que a bolsa de alguém está cheia de dinheiro vivo. Seus cinco anos na faculdade e dois anos e meio de aprendizado escrevendo o primeiro romance deveriam legitimá-la para ter, no mínimo, boas expectativas.

Como faço parte desse meio, sei de algumas coisas sobre sua formação, e sei o que isso significou. Uma formação literária não leva alguém, necessariamente, a ser um bom leitor, muito menos um bom escritor. Mas, no seu caso, as duas coisas aconteceram. Você é um instrumento afiado, pronto e ansioso para começar a trabalhar.

Para início de conversa, você nunca considerou a escrita uma forma de autoexpressão, ou seja, de autoindulgência. Você compreendeu, desde o princípio, que escrever se faz com palavras e sentenças, e gastou centenas de horas educando sua escuta, escrevendo e rescrevendo, até começar a manejar combinações de palavras com a naturalidade de quem muda os tons utilizando apenas a língua e os lábios ao assobiar.

Falo respeitosamente dessa parte de sua formação porque, todos os anos, vejo estudantes que não querem se dedicar a isso — que não ouvem senão a si mesmos e que continuam não fazendo concessões ao próprio idioma. Ao reconhecer que a língua é um instrumento difícil, e que uma pessoa que a usa com esperteza não tem outra alternativa senão aprendê-la, você foi ainda mais longe: você se afastou das obsessões com o “eu” — que é a força de alguns poucos escritores, mas é a fraqueza de muitos outros. Você se esforçou para ter controle de seus conhecimentos; não caiu na armadilha romântica de que o talento é a qualidade que deve

prevalecer. Submetendo-se à língua, você, ao mesmo tempo, se submeteu a outras disciplinas. Você aprendeu a ter distanciamento e exercitou o desapego, aprendeu a não sujar a história com você mesma.

Tudo isso lhe deu o estudo da escrita, na faculdade. Poderia também ter contribuído com coisas piores, mas não. Poderia tê-la transformado em uma escritora de correntes e grupos literários; poderia ter imprimido em você algum estilo que não o seu; uma certa arrogância, ou algo esnobe; poderia até tê-la transformado em uma eterna aprendiz, dependente dos outros. Quantas vezes me afastei de jovens loucos para destruírem, com suas palavras, os pais que eles pensavam odiar; quantas vezes me tornei frio para evitar tornar-me um pai substituto ou mesmo uma mãe. Quanta escrita compulsiva eu li, dissecando a intimidade e, ao mesmo tempo, revelando uma escravidão interior implacável. Quão frequentemente a escrita de jovens escritores é uma forma de afirmarem uma personalidade que ainda não se firmou, que está apenas sendo caçada vorazmente.

Nada disso, em seu caso. Em seu caso, sanidade, luz e compaixão, e não amor-próprio e autopiedade. Você sabe quem é, e você é boa. Nunca duvide disso, embora não deva se culpar caso venha a se questionar. Até agora, somando toda a sua obra publicada, você talvez tenha ganhado uns 500 dólares por dois contos e um artigo sobre viagens. Para financiar os estudos e para escrever seu romance, você viveu na penúria, com pouco suporte, e quase teve a reprovação de sua família que, compreensivelmente, disse: “Aqui está uma garota de quase 30 anos que não casou, não tem emprego nem profissão, e ainda sonha com sua escrita como se a vida durasse para sempre. Assim vai sua vida, escorrendo pelos dedos, enquanto ela se senta em seu quarto e cresce curvada sobre um teclado”. Com seu livro, você agora quer finalmente colher algum fruto: algumas resenhas positivas, alguma atenção da crítica, apoio e pagamentos de direito autoral suficientes para que possa viver e continuar escrevendo.

Você tem direito a tudo isso, mas talvez consiga pouco ou nada disso. Algumas boas resenhas você certamente conseguirá, mas também muitas resenhas rotineiras, com avaliações medianas que a destruirão com a costumeira falta de atenção; haverá outras resenhas mais frívolas, escritas por jovens brilhantes que tentarão, em 500 palavras, tratá-la como criança ou gastarão o espaço para dizer como o vagão do trem ou

do metrô estava insuportavelmente quente enquanto liam seu livro. Seu repasse de direitos autorais, numa previsão otimista, indicará que seu editor, depois de muito trabalho, conseguiu um adiantamento monetário equivalente à venda de 2,7 mil cópias. Seu próximo balanço, seis meses depois, trará a informação de que 432 cópias do livro foram devolvidas à editora e que você não receberá um novo adiantamento de mil dólares, como aquele que você já tinha gasto, oito ou nove meses atrás.

De tudo isso você já está a par, pelo menos como possibilidade, porque tem o hábito de não se enganar, e porque já viu isso acontecer com alguns amigos. Aprenda a olhar para esse cenário como uma probabilidade.

Depois de apresentar a você essa opção sombria, pondere suas escolhas. Para continuar escrevendo como tem feito, isto é, devagar, com cuidado, usando longas pausas para pensar e revisar, você precisará de alguma outra forma de subsídio: bolsas, direitos autorais, prêmios, um trabalho, casamento, qualquer coisa. Normalmente, as opções serão temporárias e modestas. Dos trabalhos possíveis, ensinar será o mais compensatório, já que a carga horária é mais flexível e você poderá contar com vários meses de férias por ano. Você tem treinamento, formação e alguma experiência como professora, mas, apesar disso, não a aconselharia a ensinar. Por um lado, você é tão cuidadosa que deixaria a profissão absorver toda sua energia. Por outro, estou certo de que você só consegue escrever se tiver tempo integral para isso. Seu processo de destilação é lento, gota a gota, e você não consegue produzir o bastante em algumas poucas semanas quebradas durante o verão. Assim, você certamente tentará as bolsas e as residências de escritores, e talvez consiga manter isso por um ano ou dois.

Depois disso, quem sabe? Talvez você ganhe o suficiente para se safar; ou talvez arranje trabalho cuidando de gatos enquanto seus donos viajam; você pode trabalhar por um ano ou dois e guardar o suficiente para passar um terceiro ano escrevendo, e você pode casar, embora frequentemente aconteça o contrário. Na mesma linha, você pode achar que casamento e filhos a satisfazem da mesma maneira que a escrita, e pode parar de escrever. Ou talvez aproveite a satisfação do casamento e dos filhos e volte a escrever depois que as crianças crescerem. Você e eu conhecemos pessoas assim, e também sabemos das dificuldades que elas tiveram de enfrentar. Seja qual for sua escolha, imagino que sempre es-

tará atrás de dinheiro, tempo e de um lugar para trabalhar. Mas acredito que você conseguirá. E, creia, esses não são problemas novos. Você está em boa companhia.

Exceto pelo casamento, que é uma carreira alternativa e não uma solução para o escritor, você pode até dizer a si mesma que não suportará uma vida tão limitada, cinza, que modificará seu temperamento e gosto e trabalhará em seus livros algo do sensacionalismo, violência, choque, emoção, sexo ou um dos grandes temas que, você acredita, farão deles uma atração para o grande público. Duvido que consiga fazer isso, mesmo se quisesse, e estou certo de que nem deveria tentar, pois você não consegue escrever com propriedade sobre o que vai contra sua natureza. As melhores coisas do seu primeiro romance estão lá justamente porque você as escreveu com o coração, com convicção intensa. Ao tentar escrever como os que atingem grande sucesso popular, você também pode fazer sucesso, uma vez que tem inteligência e conhecimento; mas qualquer sucesso legítimo dos outros não o será para você, que terá deixado de ser a escritora que você respeita.

Você é um instrumento tão completo quanto uma vassoura. As cerdas não são úteis sem o cabo, e o conjunto é bom apenas para varrer. Você está condenada a ser uma escritora séria, levando a vida a sério e escrevendo para um pequeno público. Outros tipos de escritores são possíveis e necessários, mas esse é o tipo de escritora que você é, e esse é um bom tipo. Não serão muitos os conterrâneos que lerão seus livros ou saberão seu nome. Não porque são do mesmo país, ou modernos, ou especialmente estúpidos, mas porque são humanos. Escritores como você nunca falam com grandes audiências, exceto se considerarmos um grande espaço de tempo, e eu não recomendaria apostar muitas fichas na posteridade. Seu toque é um toque incomum; você falará apenas com o leitor intelectualizado. E, mais de uma vez, você se perguntará se esse tipo de leitor realmente existe e por que deve continuar projetando as palavras no silêncio como um ator velho e louco ao interpretar a si mesmo em um teatro vazio.

Os leitores existem. Jacques Barzun acredita que existam pelo menos 30 mil leitores nos EUA. Embora esses leitores tenham que ser encontrados verticalmente, ao longo dos anos, em vez de horizontalmente, em apenas uma temporada editorial, a chance de você atingir a todos é a mesma de encontrar a totalidade de alces vivos do país. Mas qualquer

leitor que encontrar será seu tesouro. Esse público, no geral, escutará o que você disser e não exigirá que diga o que todos já estão dizendo, ou o que alguma escola da moda ou clichê peça que se diga. Eles estão por aí, escondidos nesse aparente teatro vazio, ouvindo e fazendo muito pouco barulho. Seja grata a eles. Mas, não importa quão grata você seja, jamais escreva para satisfazê-los.

No momento em que começar a escrever para um público, você começa a se questionar se está dizendo o que ele espera ou quer que você diga. A virtude peculiar desse público é que ele lhe dá a autoridade para decidir o que dizer. Você ouviu Frank O'Connor falar sobre a diferença entre arte pública e arte privada. A menos que seja dramatizada ou lida em voz alta pelo rádio, a ficção faz parte das artes privadas. A audiência não tem nada a ver com a feitura ou inclinação da ficção. Você não descobre o que deve incluir no seu romance por meio de uma pesquisa ou fazendo circular uma prova em Boston ou Filadélfia. Você descobre pensando e refletindo sobre uma situação, fazendo com que encontre um sentido em você. Com base em uma teia de relacionamentos, desde o centro nervoso de um temperamento, sua imaginação cria caminhos para fora e adiante.

Você escreve para satisfazer a si mesma e resolver as inevitabilidades da situação que colocou em movimento. Você escreve sob compulsão, é verdade, mas é a compulsão de sua situação, não de um ódio privado, inveja ou medo; você escreve para se satisfazer, mas sempre com a consciência remota de um leitor sentado em sua poltrona, como O'Connor. Estando fora de você, ele fecha um circuito, é um ouvido para sua boca. Até que pelo menos uma pessoa, como ele, leia o que você inutilmente escreveu, seu livro é tão hipotético quanto o som de uma árvore que cai numa floresta surda.

No entanto, repito, exceto por vagamente imaginá-lo e esperar que esteja ali, ignore-o, não escreva o que pensa que ele vá gostar. Escreva o que você gosta. Quando seu livro for publicado, você receberá uma carta de pelo menos um desses leitores, talvez de uns 20 ou 30 deles. Com sorte, à medida que os livros seguintes forem lançados, esse número também crescerá. Mas, para você, sempre será um leitor solitário, uma escuta, não um público. Literatura apela à essência, diz Joseph Conrad. Seus livros encontrarão as essências com as quais pode dialogar.

Não vou culpá-la se continuar perguntando: por que se preocupar tentando contato com espíritos que nunca são vistos e talvez de quem nunca se ouça nada, que talvez sequer existam, a não ser em sonhos? Por que gastar dez anos de aprendizado apenas para descobrir que a sociedade valoriza tão pouco o que você faz que não pagará o suficiente para a sua sobrevivência?

Bem, o que acontece em seu romance — a revelação afetuosa de um relacionamento, o desenrolar das tramas de amor e interesse unindo uma família, as emoções tranquilas e nem tão tranquilas em torno da morte de um avô amado e importante — está muito perto do que acontece na igreja tanto quanto do que acontece no teatro. A ficção sempre se move para perto de um dos polos, para o drama em uma ponta ou para a filosofia, em outra. Seu livro é menos entretenimento do que meditação filosófica apresentada por meio de personagens em ação. É sério, até triste; as cores e luzes são outonais. Você não admira Tchekhov em vão; talvez o imagine como seu leitor, na poltrona. Ele a ouviria contar sua história aparentemente simples: sobre como o amor dura, mas muda, como a vida é cheia de calor e frustração, casos e triunfos, e sobre como a morte é fria e silenciosa. Assim resumido, não parece muito, é verdade; no entanto, isso representa tudo em que você acredita sobre si mesma e sobre a humanidade e, no mínimo, alguns aspectos das pessoas que você mais amou. Em seu romance, angústia e resignação têm quase o mesmo peso. Seus personagens vivem nas páginas e também na memória, já que foram amados e, portanto, imaginados com riqueza.

Seu livro é crença dramatizada; e, porque no dia a dia temos tão pouco contato íntimo com outra essência e outra mente, essas cenas têm efeito chocante — primeiro, de quase vergonha; depois, de reconhecimento. Sim, é assim que deve ser.

Gosto do sentido de intimidade que seu romance me dá. Afinal, o que estamos todos procurando senão a convicção de sermos parte de algo? O que nos faz continuarmos e nos mantermos firmes enquanto o mundo gira senão a sensação de que estamos ligados a outra pessoa que nos escuta e nos entende e que, de alguma maneira, nos completa? Já disse em algum outro lugar que a experiência estética é um ato conjugal como o amor. Acredito nisso piamente.

A pior coisa que poderia acontecer àqueles que se esgoelam em busca de identidade é encontrar apenas isso, apenas a identidade e nada mais.

Muitos dão o melhor de si para escapar dessa cilada. De nossa incorrigível e profunda repulsa à identidade, suponho que o amor físico seja talvez a mais simples, mais imediata, e, para muitos, a única expressão. Alguns têm conforto na sensação de pertencerem ao mundo natural, grande irmão dos animais e primo das árvores; alguns devotam-se a Deus. Há muito de tudo isso em todos nós, mas em você, eu imagino, não o suficiente. Para você se entregar, teria que ser ao reino de toda a humanidade, só poderia ser à arte. Você não tem nada a dar ou a ganhar, exceto quando destila e purifica experiências efêmeras em pequenas histórias silenciosas, inquiridoras e tocantes como a que terminou de escrever há pouco e, assim, proporcionar a seus leitores a chance de se unirem a você na solidariedade da dor e do amor, e na visão de uma possibilidade humana.

Já não é isso o suficiente? Na falta de um desejo maior, será que isso já não serve? ■

Tradução de Roberto Taddei

Wallace Earle Stegner

Nasceu em Iowa (1909–1993), nos Estados Unidos, e foi historiador, escritor e professor. Era conhecido como o “Reitor dos Escritores Ocidentais”. Ganhou o Prêmio Pulitzer de ficção, em 1972, por *Ângulo de repouso* (Nova Fronteira).